

WHERE PARIS USED TO BE - NO DESENHO, PARA ALÉM DO ESPAÇO E DO TEMPO

Antônio Olaio

Resumo: A série de desenhos *Where Paris used to be* parte do imaginar de um futuro distópico, onde de Paris só sobraria o lugar e, eventualmente, a memória de ter sido e já não ser. Mas esta série de desenhos é atual, acontece agora. Porque é de arte que aqui se trata, na plasticidade do desenho e na forma com que este joga com a plasticidade do espaço e do tempo. Desenha-se o que está a acontecer no desenho. O desenho, articulando-se com as coisas que acontecem, nasce delas e de si próprio.

Palavras-chave: Desenho. Plasticidade. Imagem.

WHERE PARIS USED TO BE - IN DRAWING, BEYOND SPACE AND TIME

Abstract: The series of drawings *Where Paris used to be* was created by imagining a dystopian future, where all that remains of Paris would be its place and, eventually, the memory of having been and no longer being. But this series of drawings happens now. Because it is art what we are talking about here, in the plasticity of the drawing and the way it plays with the plasticity of space and time. And it's drawn also what is happening in the drawing itself. The drawing, articulating with the things that happen, is born from them and from itself.

Keywords: Drawing. Plasticity. Image.



Figura 1. António Olaio. *Where Paris used to be #35*, 2023. Grafite sobre papel.
Fonte: arquivo do artista.

A série de desenhos *Where Paris used to be* parte do enunciado deste título. Um título que é sobretudo a criação de uma expectativa, do lugar onde os desenhos acontecem.

Poderia ser o imaginar de um futuro distópico, onde de Paris só sobraria o lugar e, eventualmente, a memória de ter sido e já não ser.





Figura 2. António Olaio. *Where Paris used to be #70*, 2023. Grafite sobre papel.
Fonte: arquivo do artista.

Mas esta série de desenhos é atual, acontece agora. O lugar destes desenhos, lugar onde outrora foi Paris coincide no tempo com Paris, Paris onde está agora.

Porque é de arte que aqui se trata, na plasticidade do desenho e na forma com que este joga com a plasticidade do espaço e do tempo.

Desenha-se o que está a acontecer no desenho. Poder-se-ia dizer que não se desenha de facto o que está a acontecer na realidade, não fosse o desenho, os desenhos se acrescentarem às coisas que acontecem.

O desenho, articulando-se com as coisas que acontecem, nasce delas e de si próprio, ao acontecer. E o processo do desenho acontece em permanente tensão com a ação e o que a ação produz no seu caminho.



Figura 3. Antônio Olaio. *Where Paris used to be #17*, 2023. Grafite sobre papel.

Fonte: arquivo do artista.

A superfície do papel, de qualquer suporte plano do desenho, mais do que uma contingência técnica, será um primeiro dado tangível do seu processo, participa dos pontos de partida de um desenho. Superfície, suporte que, ao mesmo tempo, vê ser posta em causa a sua tangibilidade, ao ser desenho. Porque o desenho esculpe o espaço do plano de papel como se não fosse plano, porque de facto, não o é. Porque o que acontece no desenho, acontece mesmo.



Ao desenhar o que não está a acontecer, o que se desenha acontece.

E partindo do que acontece, imaginando realidades alternativas, o que acontece participa do desenho. Basta ser notada a ausência de qualquer coisa para esta ficar presente na sua falta.



Figura 4. António Olaio. *Where Paris used to be #22*, 2023. Grafite sobre papel.

Fonte: arquivo do artista.

Aqui a palavra Paris (e, através dela, a cidade de Paris), a palavra Paris ecoa no enunciar de uma realidade onde esta não tem lugar. Neste caso, já tendo tido lugar, lembrando em diferido uma presença anterior de Paris, Paris é imanente na sua ausência, na própria melancolia da sua ausência.

Mas o que não sabemos é há quanto tempo Paris terá deixado de existir nestes desenhos... quanto tempo depois de Paris ter deixado de existir, que passagem do tempo desde Paris o registo de cada desenho testemunha.



Figura 5. António Olaio. *Where Paris used to be #30*, 2023. Grafite sobre papel.

Fonte: arquivo do artista.

Estas formas orgânicas que crescem nestes desenhos e por estes desenhos são desenhadas, em que estado de uma evolução (natural, artificial?) estarão num estado de evolução pós-Paris...?

"We will always have Paris", ouvimos na última cena do Casablanca...

Mas aqui percebemos que não. Que de Paris poderá só sobrar a sua falta, estado anterior a nem a sua falta restar de Paris.





Figura 6. Antônio Olaio. *Where Paris used to be #31*, 2023. Grafite sobre papel.
Fonte: arquivo do artista.

Na série de desenhos *Where Paris used to be* vemos formas que nascem naquele lugar que será o desenho. Um desenho que desenha coisas, não o lugar onde elas estão, o lugar que tomou o lugar de Paris.

Este lugar certamente não terá menos plasticidade que as formas que nele crescem, sendo transformado por elas, no processo de gestação destas formas que obrigam à reorganização de forças no espaço que ocupam e geram. Mas também um lugar que terá vida própria na sua plasticidade que se moverá para além das coisas que acontecem.

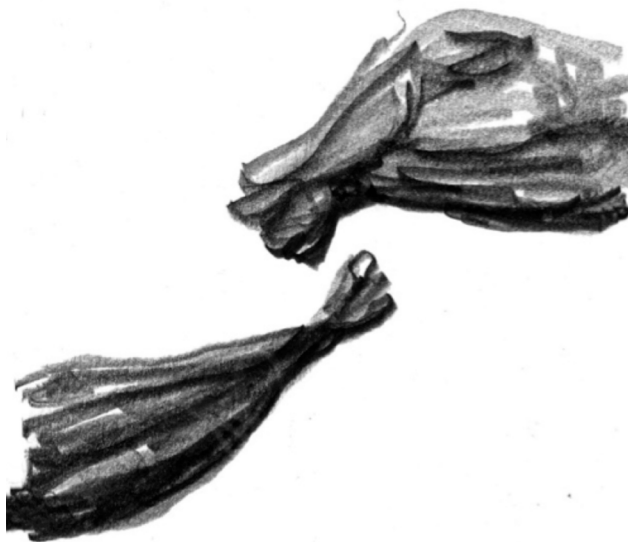


Figura 7. Antônio Olaio. *Where Paris used to be #7*, 2023. Grafite sobre papel.
Fonte: arquivo do artista.

Desenhos que esculpem o espaço ao nele serem esculpídos, mas também desenhos em relação aos quais o espaço poderá preservar a possibilidade de lhes ser indiferente. E, com a relação com tudo isto, o tempo pouco se importará. Nestes desenhos que foram ontem, ou que serão amanhã. Ou hoje, ao terem sido ou virem a ser. Na aparente relação estreita entre o desenho e o seu autor, o desenho pode acabar por negar a existência deste. Um desenho que se serve de quem se considera ser o seu autor, simplesmente para existir. Um autor que perde o rosto ao perdê-lo na paisagem, acabando por perder a própria paisagem.





Figura 8: António Olaio. *Where Paris used to be #32*, 2023. Grafite sobre papel.
Fonte: arquivo do artista.

Talvez no lugar da paisagem fique a miragem, as imagens que, num deserto, se deseja existir ou se receia que existam.

Neste sentido, o desenho é um deserto, mas um deserto povoado de miragens. Provavelmente fugazes como se espera que às vezes miragens sejam. E que, como as miragens, serão parecidas, ou pelo menos não completamente diversas das coisas que conhecemos ou que acreditamos conhecer.

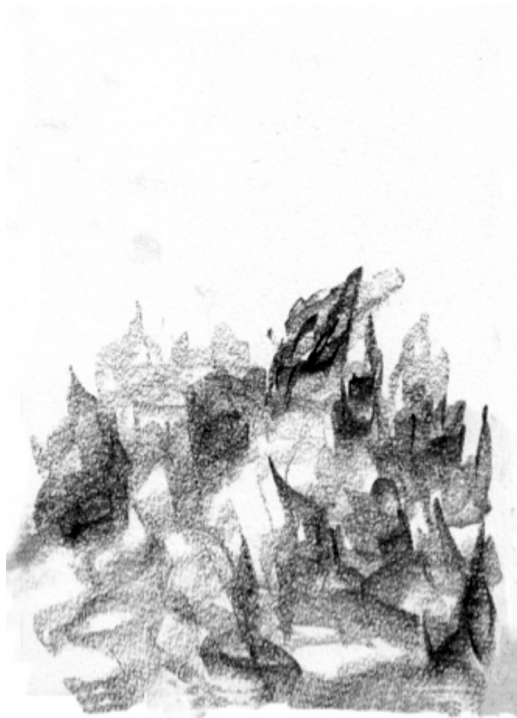


Figura 9. António Olaio. *Where Paris used to be #48*, 2023. Grafite sobre papel.
Fonte: arquivo do artista.

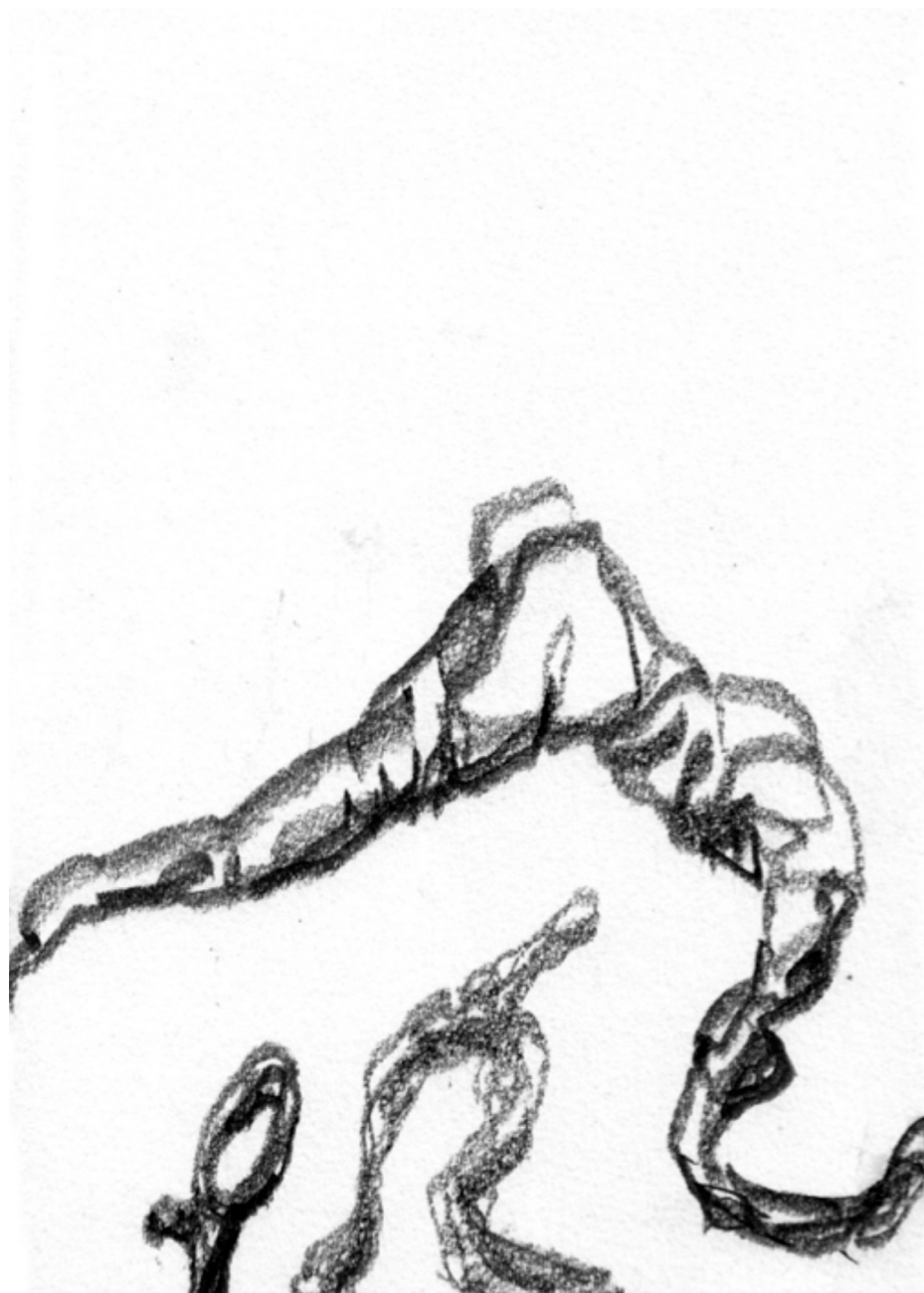
Won't you live with me?
Where Paris used to be

Come on and be free where Paris used to be
How happy we could be where Paris used to be

Will you marry me?
Where Paris used to be

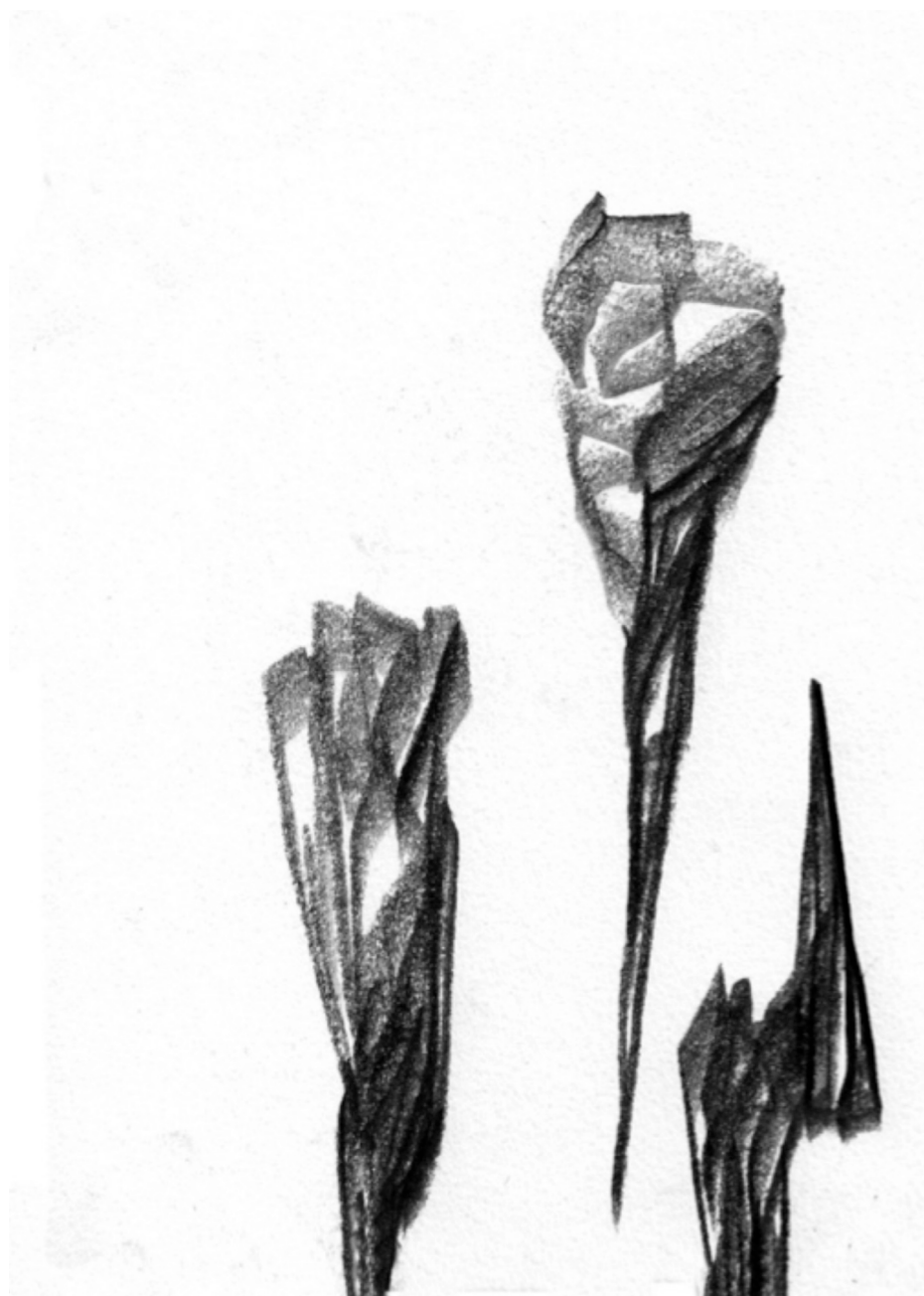
Les seins de la Seine
Une tête de Reine
Nos coeurs em flammes
Les cendres de Notre Damme
Les os, des oiseaux

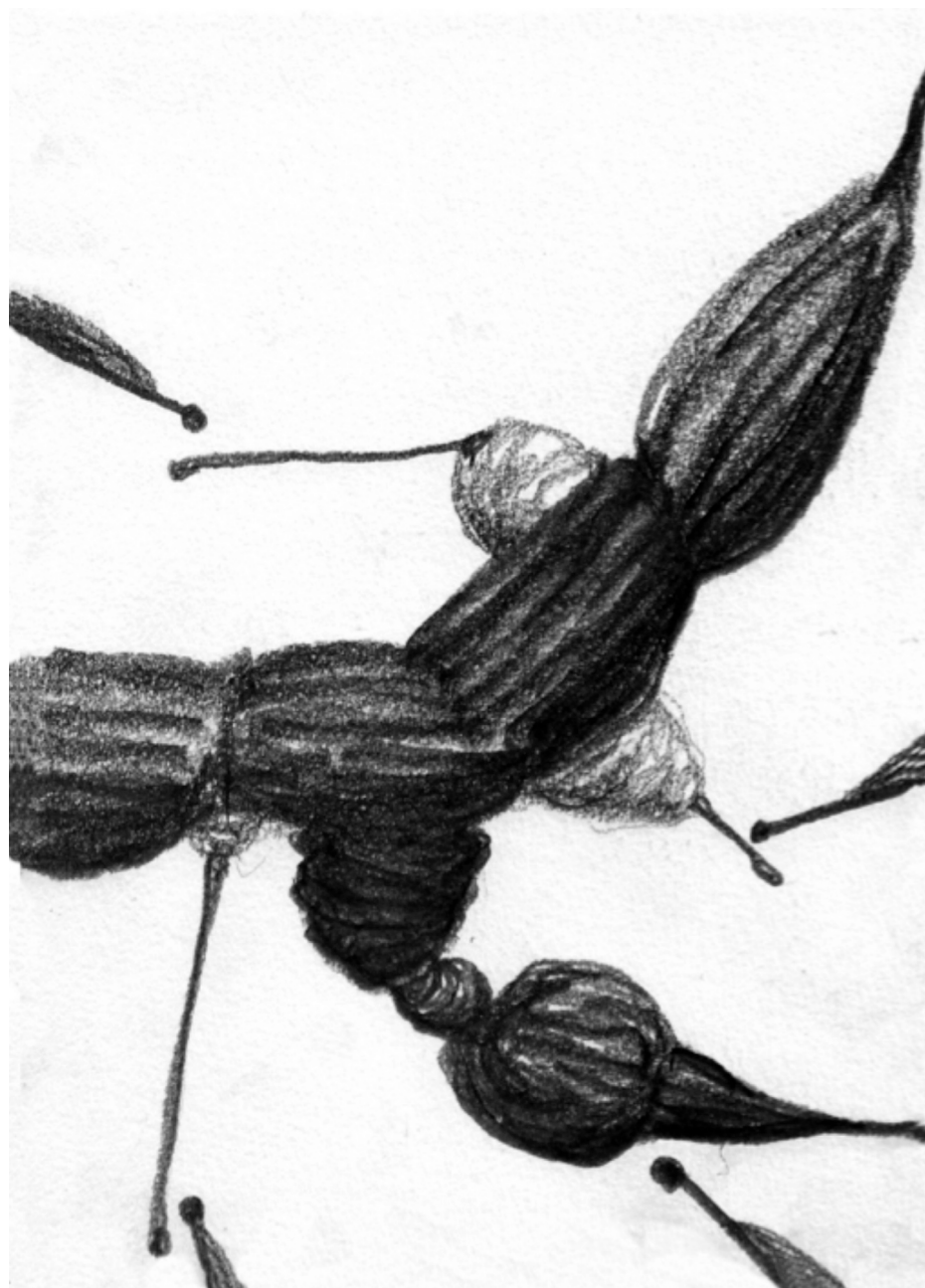












LEGENDA DAS IMAGENS

Figura 9-15. António Olaio. *Where Paris used to be* #48, #38, #46, #27, #67, #69, #71, 2023. Grafite sobre papel. Fonte: arquivo do artista.

António Olaio. Artista plástico. Licenciado pela Escola Superior de Belas Artes do Porto. Doutorado em 2000, tendo como tema *O Campo da Arte, segundo Marcel Duchamp*. Professor Associado com Agregação no curso de Arquitetura da Universidade de Coimbra. Investigador do CEIS20, Centro de Estudos Interdisciplinares. Diretor do Colégio das Artes da Universidade Coimbra entre 2013 e 2023. Exposições individuais e performances em Portugal, Espanha, Holanda, Alemanha, EUA, Reino Unido. E-mail: a.olaiio@sapo.pt
ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-1638-8188>